

Ultrapassar os limites do texto: as tendências de pesquisa em Linguística Aplicada a partir de gêneros escritos

Expedito Arantes*

Resumo

O presente trabalho objetiva demonstrar, de uma maneira geral, quais as tendências de pesquisa de que se ocupa atualmente a Linguística Aplicada enquanto área de investigação da linguagem. E, de uma maneira específica, quais os enfoques que ela possui quando são pesquisados Processos de referência anafórica em gêneros escritos. Para tanto, foram analisados os cadernos de três importantes eventos da área: O Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), em sua 9ª edição, o Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada (InPLA), pelo seu 18º ano, e o Grupo de Estudos Linguísticos (GEL), todos no ano de 2011. Baseando-nos no título das comunicações e seus respectivos resumos, pudemos constatar o distanciamento das pesquisas em Linguística Aplicada para com assuntos que se refiram a processos referenciais, que, por sua vez, também têm mudado seus enfoques, não objetivando mais se ampararem em uma linha única e exclusivamente voltada à análise de mecanismos textuais, evidenciando, outrossim, que a Referência já tem ultrapassado os limites do texto, preocupando-se com outros aspectos que se verão nesta pesquisa. Palavras-chave: Referência. Anáforas. Linguística Aplicada. Tendências de Pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

A Linguística Aplicada (LA, a partir de agora), no seu panorama atual, é uma área que permite tendências bastante diversificadas de investigação e pesquisa no que diz respeito aos assuntos que se derivam do uso da linguagem. Essa diversificação nos é apontada por Archanjo (2011), segundo a qual há uma "pluralidade de perspectivas", que abarca diversas áreas, novos enfoques e novas problemáticas e que foram traçando os rumos e

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PPG-LA) da Universidade de Taubaté-SP.

tendências da LA desde o seu nascimento. Tal pluralidade foi constituindo-se, principalmente, ao longo dos últimos anos e essa identidade pode ser comprovada a partir da análise dos trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), especificamente.

E foi a possibilidade de a LA abranger esses diversos enfoques e as novas problemáticas que se tomou como propósito de investigação para este trabalho, particularmente, analisar as tendências de pesquisas mais recentes engendradas no campo da Linguística Aplicada quanto aos processos de referenciação em gêneros escritos.

A partir dos estudos da Referenciação, mais especificamente voltados para a ocorrência de recursos coesivos, como as anáforas – assunto este que lida diretamente com o texto em si, delineando os processos de correferencialidade e não correferencialidade – procurou-se encontrar uma relação destes com as pesquisas em LA, a fim de demonstrar se os propósitos de investigação dessa ciência, ou pelo menos uma considerável parcela destes ainda objetivam estudar os processos e mecanismos textuais de alguma forma.

A indagação motivadora deste trabalho foi: Quais enfoques possuem o tema *Referenciação* quando pesquisado em LA?

Já que se trata de uma ciência que permite muitas áreas e tendências de pesquisa, nada mais justo que encontrarmos “nas vozes que ecoam no discurso que a identificam” (ARCHANJO, 2011, p. 628), propostas de pesquisas de uma linha que aqui trataremos como Processos de Referenciação Anafórica (PRA).

Esta pesquisa justifica-se por uma razão óbvia: é muito importante que os pesquisadores – principalmente aqueles que lidam e/ou pesquisam a referenciação, mais especificamente concentrados nos estudos das anáforas (sejam elas diretas ou indiretas) – tenham conhecimento das tendências que a LA vem mantendo nos temas que lhes interessam. É importante que eles saibam os rumos e vertentes que estão tomando essas linhas, pois além de proporcionar-lhes uma visão de seus estudos, fornecem subsídios para eventuais futuras pesquisas.

Para conduzir este estudo, foram analisados os cadernos de resumos constantes de três importantes eventos da área: O Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), em sua 9ª edição, o Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada (InPLA), de número 18, e o Grupo de Estudos Linguísticos (GEL), este último mais aplicado às tendências da área de Linguística teórica, todavia que traz também pesquisas em LA.

O artigo possui como principais seções as que se seguem: 2 – Pressupostos teóricos, dividindo-se em 2.1 – O que é Linguística Aplicada?, que apresentará uma breve explanação acerca do início e cenário atual da LA; 2.2 – Os Processos de Referenciação, que tratará das particularidades acerca das ocorrências das chamadas anáforas ou processos anafóricos; 3 – Procedimentos metodológicos, trazendo considerações sobre as perspectivas usadas para a realização e condução da pesquisa; 4 – Resultados, o que, de fato, obtivemos como respostas às indagações e 5 – Conclusões a que chegamos.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 O QUE É LINGUÍSTICA APLICADA?

Segundo Celani (1992), já se falava em Linguística Aplicada desde 1946. E o percurso daquela época até há alguns anos ainda foi marcado por uma indefinição do que seria realmente a (pre)ocupação da LA no tocante à linguagem e à pesquisa.

É notório asseverarmos que a LA, ainda de acordo a autora, apontava suas tendências para uma área de estudo de línguas, principalmente com a criação do *Teachers of English to Speakers of other Languages* (TESOL), nos EUA.

A partir da década de 1970, a LA passou a ser considerada uma subárea da Linguistic Society of America (LSA), todavia suas pesquisas caminhavam em outras direções e a proposta de ser uma subseção não se concretizou. Também no Brasil, a LA era encarada com uma subárea da Linguística teórica, contudo essa ideia foi sendo abandonada a partir da criação do primeiro Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada (LAEL, na PUC-SP). Muitos pesquisadores reconheceram que já havia um grupo consistente, cujas pesquisas engendradas já se mereciam reuniões e discussões (CELANI, 1992).

É a partir dessas pesquisas e dos rumos que elas foram tomando que hoje é possível entendermos o papel dos linguistas aplicados: “[...] estarem diretamente empenhados na solução dos problemas humanos que derivam dos vários usos da linguagem [...]” (CELANI, 1992).

É importante destacar, a meu ver, que a LA vem, ao longo das décadas, revendo os seus conceitos básicos para estar, por assim dizer, em consonância com as principais mudanças na forma de entender a linguagem. Essa atitude tem corroborado para que a LA se torne mais que uma ciência aplicada, mas uma ciência aplicada e interdisciplinar.

A esta altura, então, ser-nos-ia improvável dizer que a LA seja simplesmente uma mera aplicação da Linguística, pois conforme Celani (1992), aquela estaria em “pé de igualdade” com esta, além de também o estar com outras disciplinas, como a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia etc.

A questão da interdisciplinaridade, marcante nos escritos de Celani (1992), também nos é apontada por Moita Lopes (1996). Segundo o autor, que da mesma forma acredita que a LA ocupa-se em investigar os problemas do uso da linguagem, ratifica mais veementemente que a LA alia também o conhecimento teórico proveniente de diversas disciplinas, como, por exemplo, a própria Linguística, a Psicologia e a Educação, atuando como mediadora ao investigar os problemas da linguagem.

Entende-se aqui por mediação, justamente, a posição da LA em tratar um problema da linguagem não apenas com subsídios de seu campo de atuação, entretanto, utilizando-se de pressupostos teóricos de outras disciplinas (MOITA LOPES, 1996).

É desse mesmo autor uma definição bastante esclarecedora acerca da LA. Segundo ele, as pesquisas são:

a) de natureza aplicada em Ciências Sociais; b) que focaliza a linguagem do ponto de vista processual; c) de natureza interdisciplinar e mediadora; d) que envolve formulação teórica; e) que utiliza métodos de investigação de base positivista e interpretativista. (MOITA LOPES, 1996, p. 19).

E os processos de pesquisa de base interpretativista, a que se refere o autor, perpassam por uma investigação de cunho revelador, apontando sempre para novas descobertas, e é o método que mais tem sido focado pelos linguistas aplicados na atualidade.

Uma área “mediadora, interdisciplinar e centrada na solução de problemas de uso da linguagem” é como se resume o panorama atual da LA, de acordo com Moita Lopes (1996).

Todavia, não se pode negar a forte relação da LA com a Linguística teórica, conforme nos lembra Lopes-Rossi (2009), e o que vai diferenciá-la é, em certa medida, a noção de interdisciplinaridade com as diversas áreas que mantém a LA.

A partir de todas essas concepções, penso que, com uma coisa todos concordam: a interdisciplinaridade é uma realidade inerente à LA, além de ser uma área que permite muitas tendências de pesquisa e, se isso é a essência da LA atual, veremos a seguir se os PRA são também realidades de pesquisa abarcados por ela.

2.2 OS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO

A referenciação é um processo extremamente importante de coesão e progressão textuais nas diversas produções discursivas, como afirma Koch (2008, 2011). É ela que sinaliza uma “possível” relação de um termo antecedente (antes citado), com o que se diz. Digo possível, pois, por vezes, não estará tão clara a sua relação, permitindo que o leitor se utilize de processos cognitivos, associações e conhecimentos extralinguísticos. A partir desse conceito, ainda segundo a autora, atualmente:

[...] não se entende aqui a referência no sentido que lhe é mais tradicionalmente atribuído, como simples representação extensional de referentes do mundo extramental: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como sociocognitivamente, interagimos com ele [...]. A referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como objetos de discurso e não como objetos do mundo. (KOCH, 2011, p. 79).

A referenciação é, por assim dizer, constituída atualmente de um caráter sociocognitivo que simplesmente de uma pura citação → retomada.

A esse processo damos o nome de Anáfora, ou, como citam alguns autores, termo anafórico. Há também o processo inverso de referenciação, em que o termo que retoma precede o termo retomado. A isso, chamamos catáfora.

Contudo, nosso propósito de investigação está pautado na ocorrência das relações anafóricas em pesquisas na linha da Linguística Aplicada, sendo assim, nossos esforços estarão concentrados nesse tipo de processo referencial.

Figueiredo (2001), citando Kleiber (1994), assevera que a anáfora é, sobretudo, um fenômeno textual que depende de outra expressão mencionada ou evocada anteriormente.

A partir dos estudos da referenciação, encontrados em Apothéloz (2003), Cavalcante (2001), Conte (2003), Figueiredo (2001), Koch (2008, 2011), Koch e Marcuschi (1998), Mondada e Dubois (2003) e Zamponi (2003), entendemos que a utilização da anáfora em determinado texto escrito é sempre uma escolha que faz aquele que escreve a fim de corroborar para a interação discursiva. Qualquer expressão referencial, ao longo de um texto, pode ser substituída por outra expressão, contanto que esta mantenha uma relação com aquela ou pelo menos estabeleça algum tipo de associação.

As anáforas também podem apontar, ainda consoante aos estudos desses autores, não apenas para um termo específico, antes mencionado,

mas, sobretudo, é possível referenciar-se a uma porção de texto, trazendo então um caráter resumitivo, uma espécie de encapsulamento.

Desse modo, as anáforas caracterizam-se como uma atividade discursiva denominando como objetos de discurso, os referentes citados, e não como simples objetos de mundo. Esse processo, ademais, não se esgota tão somente nessa reativação ou nessa espécie de prolongamento referencial, de um referente único ou de uma porção de texto, de acordo com Koch (2011), mas sim, há de se considerar que é notória uma ativação dos mecanismos e dos conhecimentos armazenados em nossa memória discursiva, o que traz subjacente esse caráter cognitivo ao uso das anáforas.

Por essa perspectiva, não se pode restringir o processo de referência anafórico a uma ínfima permutação de um termo por outro, entretanto, é preciso considerar as relações linguísticas, cognitivas e sociais.

Foi em Apóthélos (2003) que as anáforas receberam uma classificação: Anáfora fiel, infiel, por nominalização e associativa. Diversos autores diferem-nas em diretas, as três primeiras, e em indireta, esta última. Outros, porém, asseveram que as duas últimas são enquadradas como Anáforas indiretas.

A anáfora fiel trata-se da retomada do mesmo núcleo do sintagma nominal já mencionado e determinado por um artigo ou pronome.

*Chega um rapaz e senta-se ao meu lado. Só depois reparo que **o/este rapaz** é cego.*

Conforme o exemplo, o núcleo do sintagma representado pelo termo “rapaz” é novamente retomado e o que poderá diferenciá-lo é somente o determinante.

Já os casos em que compreendem a anáfora infiel são, justamente, ligados à ocorrência da retomada de outro termo que, na maioria das vezes, é representado por um sinônimo ou um hiperônimo. Alguns autores também definem como uma recategorização do núcleo do sintagma precedente.

*Chega um rapaz e senta-se ao meu lado. Só depois percebo que **esse garoto** é cego.*

A oração (fabricada) demonstra a retomada de outro termo, também possível, e determinado pelo pronome demonstrativo ‘esse’. O termo “garoto” trata-se de um sinônimo possível para o referente “rapaz”. Conforme dito, é possível entendermos também esse processo como uma espé-

cie de recategorização, ou seja, a palavra “garoto” é outra possibilidade de categoria da palavra “rapaz”.

Além dessa ligação sinonímica, é possível encontrarmos também uma relação semântica entre os termos, a partir de um hiperônimo, ou seja, uma palavra que pertence ao universo do termo precedente, contudo com um caráter mais abrangente.

*Na casa de minha avó tem uma macieira. **Aquela árvore** está há anos na família.*

O termo “árvore” trata-se de uma possibilidade lexical dentro do mesmo campo semântico de seu precedente (neste caso, a palavra “macieira”), tendo aquela, conforme mencionado, uma perspectiva mais abrangente que o termo anterior.

Ainda segundo Apothéloz (2003), a anáfora por nominalização, por sua vez, trata-se de um processo anafórico exclusivamente de base interpretativa, que se utiliza de um nome, o qual segundo Conte (2003), é “[...] um nome avaliativo, um nome axiológico e que possui uma clara preferência por um determinante demonstrativo.”

Esse tipo de anáfora permite uma transformação lexical e sintática, por um lado e, por outro, traz um caráter resumitivo e sintético à progressão textual.

Apothéloz (2003) ainda aponta que, a partir do uso de uma anáfora por nominalização, o termo anafórico faz com que o texto caminhe em uma nova direção e perspectiva.

Figueiredo (2001) descreve uma importante concepção acerca das anáforas por nominalização:

[...] por isso que se compreende que a maioria dos nomes que constituem a anáfora por nominalização sejam derivados abstractos – nomes sincategoremáticos. É que estes nomes, porque manifestam uma dependência ontológica a respeito de outras ocorrências, estão mais preparados para englobar o conjunto do contexto precedente [...]. (FIGUEIREDO, 2001, p. 404).

Um substantivo abstrato de origem verbal (deverbal) ou de um adjetivo (deadjetival) é o elemento que, na maioria das vezes, fará a retomada dos termos precedentes, segundo a autora. Ela ainda apresenta dois exemplos nessa perspectiva:

*As portas só se abriam na hora do espetáculo. **A abertura** tardia fez com que o concerto começasse mal.*

O termo “abertura” é exemplo de uma retomada, utilizando-se uma expressão deverbal e de caráter abstrato.

*O poema era muito difícil. Foi **esta dificuldade** que fez com que ele tirasse (nota) negativa.*

Já o exemplo acima demonstra um elemento derivado do seu referente adjetival. A palavra “dificuldade” exemplifica essa estrutura de retomada por termo abstrato e agora por uma derivação, podemos assim dizer, de um adjetivo (difícil).

Nessa mesma linha conceitual, encontramos em Cavalcante (2001) as diversas possibilidades em que as nominalizações podem aparecer, como:

[...] - um nome morfológicamente derivado de um verbo da proposição que forneceu as informações-suporte, como alegar – a alegação; afirmar – essa afirmação; recomendar – tal recomendação etc.; ou uma forma supletiva (à falta de um correspondente na língua), como em o sono, o medo, este encargo etc.;

- um nome que evidencie o valor ilocutório ou perlocutório da enunciação, como em o aviso, essa explicação, este comentário etc.;
- um nome que transforme processos específicos em processos genéricos, como em essa tarefa, a análise, esta distinção etc.;
- um nome que exprima juízo de valor, como em essa desculpa, este preconceito, esse erro de interpretação etc. (CAVALCANTE, 2001, p. 128).

Koch (2008) enfatiza que o uso das anáforas nominais à progressão textual é um importante recurso para a construção e reconstrução dos objetos de discurso e que essa utilização serve para categorizar e recategorizar os termos precedentes sumarizando-os, encapsulando-os e rotulando-os, razão pela qual muitos autores definirão esse tipo de anáforas como *encapsuladoras*, outros como *rotulações* e outros como *nomeações*.

Há, ainda, por fim, anáforas que não têm, exatamente, o caráter de reativar o termo que foi previamente citado no texto, mas sua função é ativar processos de associação entre o precedente e a sua extensão. Essas anáforas são chamadas de associativas. Zamponi (2003) esclarece que a anáfora associativa:

- Refere um objeto que, embora apresentado como conhecido, é novo no discurso e que não foi, conseqüentemente, mencionado explicitamente no contexto anterior;

- Pode ser interpretada referencialmente somente em relação a dados introduzidos anteriormente no universo de discurso, propriedade que justifica o termo *anáfora*. (ZAMPONI, 2003, p. 72).

A partir dessa definição entendemos que os objetos de discursos (que são tratados nesse contexto como os possíveis referentes) não estão diretamente interligados ao termo precedente, contudo, há uma notória associação entre eles.

Ainda conforme Figueiredo (2001), as anáforas associativas são revestidas por uma relação meronímica (relação parte/todo), o que introduz um caráter de “pertença dentro do mesmo campo ontológico”, ou seja, tanto o termo precedente quanto o novo termo que traz a retomada necessitam estar dentro de um “saber partilhado”, algo recorrente entre uma mesma comunidade linguística, que se entende aqui como termos que são conhecidos dentro desse universo e, além disso, é possível também esclarecer que há uma relação de ingrediência, principalmente do segundo termo.

A autora ainda exemplifica:

*A casa foi restaurada, mas **as janelas** ainda não.*

Perceba que o termo “janela” não foi sequer mencionado no contexto anterior, todavia há uma associação entre a palavra *casa* e *janela*. Esta é um ingrediente, ou seja, é parte daquela. “Janela” é uma parte de um todo que é “casa”.

Todos esses exemplos retratam a realidade do fenômeno de processos anafóricos que encontramos em nossa língua.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Bem visto que as anáforas constituem um processo, segundo Koch (2008), dos mais eficazes para a construção dos objetos de discurso além de, também, serem importantes recursos coesivos e de constituírem uma atividade discursiva, pois durante a interação verbal, o sujeito faz escolhas significativas para concretizar sua proposta de sentido (KOCH, 2008). O presente trabalho visou especular a quantas andam as pesquisas desses processos referenciais na área da Linguística Aplicada.

Para realizar tal investigação, foi necessário debruçar-se sobre os mais recentes congressos e eventos na área da LA, a fim de verificar os rumos que está tomando essa linha específica de processos referenciais.

Analisamos os cadernos de resumos de três eventos da área: O Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), em sua 9ª edição, o Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada (InPLA), de número 18, e o Grupo de Estudos Linguísticos (GEL), este mais voltado para as pesquisas que trilharam os caminhos da Linguística teórica.

Os procedimentos para realizar tal pesquisa foram centrados na análise dos cadernos de resumos dos três eventos supracitados e todos os títulos das apresentações orais/individuais (também chamadas de sessões de comunicação) e das sessões coordenadas. Além dos títulos, foi preciso, em determinados momentos, verificar os resumos dos trabalhos para que se constatasse com mais clareza o sentido com que determinadas pesquisas foram construídas.

Essa análise permitiu identificar se o tema referência era abordado por alguma pesquisa e quais os rumos desses processos quando pesquisados dentro da LA. A partir desse procedimento, os resultados a que chegamos são expostos na seção a seguir.

4 RESULTADOS

Como resultado dessa pesquisa, pudemos constatar no *Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA)*, 408 títulos em sessões coordenadas e 340 de Comunicações individuais. Destes, identificamos três títulos que apresentaram a linha de pesquisa em processos referenciais, que são:

Comunicações individuais:

1. Mecanismos de coesão referencial na produção escrita de alunos concluintes do ensino fundamental;
2. Referência: práticas discursivas e identitárias na zona rural de Riachão do Jacuípe-BA;

Sessões coordenadas:

3. Polissemia e progressão referencial pela abordagem cognitivista. Esses dados correspondem a 0,25% dos títulos das sessões coordenadas; e a 0,59% dos títulos das comunicações individuais.

Quanto aos dados do *Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada (InPLA)*, foram apresentados no total, em sessões de comunicação:

412 trabalhos; em sessões coordenadas: 504 trabalhos; em pôsteres: 44 apresentações. Nesse evento houve sete ocorrências de apresentação de pesquisas sobre o assunto processos de referência. Os títulos dessas pesquisas foram:

Sessões coordenadas:

4. Referência e orientação argumentativa no gênero artigo de opinião;
5. Estratégias de progressão referencial em textos escritos por alunos surdos;
6. Procedimentos de referência em notícias de popularização da ciência;
7. Caso Nardoni: a neutralidade da imprensa em questão;

Sessões de comunicações:

8. As rotulações e seu papel na dinâmica textual-discursiva: proposta de aplicação pedagógica;

Pôster:

9. A importância da referência para a compreensão das tiras da Mafalda;
10. Rotulações na internet das obras de Guy Delisle: quais são e porque interferem na leitura.

Das 44 apresentações em pôsteres, em duas delas foi pesquisada a referência, o que significa 4,55% e dos 504 trabalhos em sessões coordenadas, quatro deles seguem a mesma linha, representando 0,79% dos títulos; por fim observamos uma ocorrência nos 412 títulos das sessões de comunicação, que representam 0,24%. Não houve incidência de pesquisa sobre processos de referência na linha de Linguística Aplicada entre os trabalhos apresentados no Grupo de Estudos Linguísticos (GEL).

Tendo em vista essas constatações, consideramos que entre todos esses eventos e as centenas de títulos que comportaram, houve 10 títulos que direcionaram suas pesquisas para a linha de referência. Um nú-

mero consideravelmente pequeno, haja vista a importância desse assunto, como afirma Koch (2008).

Baseando-nos nos títulos supracitados e os respectivos resumos desses trabalhos – mesmo que em pequeno número – é possível relacionarmos os enfoques que essas pesquisas delinearam:

- a) Os processos referenciais não se (pre)ocupam mais com mecanismos textuais isolados;
- b) As pesquisas de referenciação apresentam estruturas mais elaboradas que simples investigações de materialidade textual;
- c) Os trabalhos ponderam mais seguidamente para uma linha textual-discursiva que única e exclusivamente textual.

Diversas palavras-chave constantes no âmbito dessas pesquisas são notórias para exemplificar essas constatações:

Quadro 1 – Palavras-chave dos títulos pesquisados

Título	Palavras especificadoras do tema da pesquisa baseadas no título e no resumo do trabalho.
1	Coesão referencial.
2	Referenciação; Prática discursiva; identitária.
3	Polissemia; progressão referencial; Cognitivismo.
4	Argumentação; artigo de opinião.
5	Estratégias; progressão referencial.
6	Referenciação; notícias; popularização da ciência.
7	Neutralidade; imprensa.
8	Rotulações; dinâmica textual-discursiva; aplicação pedagógica.
9	Referenciação; compreensão; tiras;
10	Rotulações; internet; leitura.

Fonte: o autor.

5 CONCLUSÃO

Concluimos, por fim, que o assunto citado não tem sido enquadrado nas pesquisas atuais da LA e nem muito difundido nesta. A isso, é possível considerarmos, como explicação plausível, que a referenciação pertence mais adequadamente à linha da Linguística Textual e não propriamente à LA, e parece-nos que realmente a LA tem deixado a cargo daquela ciência o tratamento dessa questão da referenciação. Mesmo sendo uma ciência

que abarca diversas tendências de pesquisa, é notório vermos que a LA não se aprofunda no assunto de processos referenciais. Contudo, vemos apenas uma pequena preocupação dela para com esses mecanismos. Diferentemente do que encontramos em assuntos, como a *formação de professores, gêneros discursivos, ensino de língua estrangeira*, que são muito abarcados e pesquisados no âmbito da Linguística Aplicada, a referenciação parece-nos, à primeira vista – e de uma maneira preliminar –, ser uma linha pouco estudada pelos linguistas aplicados (pelo menos no que verificamos nos eventos mencionados da área).

E, ainda, entre as dez ocorrências que encontramos, o pouco que se pesquisou do referido assunto, objetivou-se como características essenciais às pesquisas, uma linha nada voltada para a análise única e exclusiva dos mecanismos textuais em si, ou seja, as pesquisas de referenciação na LA têm se ocupado mais com a “dinâmica textual-discursiva”, como podemos ver no trabalho de número 8 das sessões de comunicação do InPLA e no trabalho 2 das Comunicações individuais do CBLA.

Além dessa relação, é também constatado que os processos de referenciação podem manifestar práticas identitárias dos indivíduos, pois esses, quando escrevem, expressam suas identidades, como encontramos nessa última pesquisa do CBLA. Esses processos, conforme visto nos títulos, são importantes recursos coesivos presentes também em gêneros da ciência, como no artigo de número 6 e estão na imprensa, na internet, em obras artísticas, nas salas de aula e na sociedade em geral, evidenciado seu caráter social, de acordo com os trabalhos 7, 10, 1, 2, respectivamente.

Ainda que manifestando uma interação coesiva, todos os trabalhos basearam também suas perspectivas dentro de uma linha cognitivista, pois os processos referenciais anafóricos de retomada sugerem, como já visto, elementos que categorizam e recategorizam, fazendo com que haja uma construção de sentidos que por muitas vezes – ou pelo menos em sua maior parte – é por escolha do falante/escrevente e essa escolha depende, por sua vez, sempre de uma ação cognitiva. Esse caráter é possível ser encontrado no trabalho de número 3 das sessões coordenadas do CBLA.

Revestidas dessas proposições que se distanciam do texto em si, uma vez que acabam por ultrapassar os limites desse texto, as pesquisas acerca dos processos referenciais poderiam, a meu ver, ter um espaço mais considerável no âmbito da Linguística Aplicada, já que os estudos da referenciação abandonaram, podemos assim dizer, esse caráter meramente

unilateral de se pesquisar o texto pelo texto, dando ênfase a outros aspectos, como, por exemplo, atualmente:

- a) Os processos anafóricos possuem sempre uma relação discursiva;
- b) Expressam a identidade daqueles que as utilizam como prática discursiva;
- c) Refletem sempre escolhas dos que escrevem trazendo um caráter cognitivo;
- d) São produtos de interação social;
- e) Auxiliam nos processos de argumentação;
- f) Transformam o discurso sugerindo novos referentes;
- g) Introduzem os referentes como objetos de discurso e não como simples objetos do mundo que vão se construindo progressivamente no discurso.

Essas características, intrínsecas aos processos de referenciação, revelam uma preocupação em focarem-se em outros elementos textuais, além de propor soluções adequadas ao falante/escrevente quando este demonstra alguma incapacidade na (re)ativação ou retomada dos referentes ou na progressão textual como um todo, procurando, de maneira geral, desenvolver as habilidades de leitura e de produção escrita.

Tendo em vista tais constatações, perguntamos: Não são consideradas essas manifestações, produtos dos “problemas que se derivam do uso da linguagem”, à qual se ocupa a LA? Não estão esses pressupostos enquadrados numa relação interdisciplinar? Que propõem elementos sociocognitivos (KOCH, 2011), discursivos, argumentativos? Necessita-se, outrossim, repensar e valorizar, então, pesquisas dessa natureza no viés da Linguística Aplicada atual.

Abstract

This present study aims to demonstrante, in a general way, which are the Applied Linguistics research tendencies, as a language investigation area. And, in a specific way, which approaches are given in the research of anaphoric referentiation process. Three important event publications of this area have been studied in this work: 9ª edition of the Applied Linguistics Brazilian Congress (Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada-CBLA); 18º Applied Linguistics research exchange (Intercambio de Pesquisas em Linguística Aplicada-InPLA) and the Linguistics Study Group (Grupo de Estudos Linguísticos-GEL), all of them related to the year of 2011. Considering the titles used in

communications works and its abstracts, we concluded the existing distance of the researchs to subjects that refer to referentiation process, which have been changing its views, not looking for support in a single path that leads to textual mechanisms analysis, outstanding, therefore, that referentiation has already gone beyond the limits of the text, concerning about other aspects that will be seen within this study.

Keywords: *Referentiation. Anaphora. Applied Linguistics. Trends of research.*

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.

ARCHANJO, Renata. Linguística Aplicada: uma identidade construída nos CBLA. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 609-632, 2011.

CAVALCANTE, Mônica. M. As Nomeações em diferentes Gêneros Textuais. **Cad. de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 41, p. 127-140, jul./dez. 2001.

CELANI, M. A. A. Afinal, O que é Linguística Aplicada? In: PASCHOAL, Mara S. Z. de; CELANI, Maria A. A. (Org.). **Linguística Aplicada** – da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar. São Paulo: Educ, 1992.

CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

FIGUEIREDO, Olívia M. Considerações sobre o emprego da Anáfora Nominal em textos de alunos. **Revista da faculdade de Letras Línguas e Literaturas**, Porto, XVIII, 2001, p. 395-410.

LOPES-ROSSI, Maria A. G. Tendências atuais da pesquisa em Linguística Aplicada. SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA APLICADA (SEPLA), 5º, 2009, Taubaté. **Anais**. Taubaté: Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté, 2009. CD-ROM.

MOITA LOPES, Luiz P. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos-de-discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore; MARCUSCHI, Luiz Antonio. Processos de referência na produção discursiva. **DELTA**, São Paulo, v. 14, n. especial, 1998.

KOCH, Ingedore. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOCH, Ingedore. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2011.

ZAMPONI, Graziela. **Processos de referência**: Anáforas associativas e nominalizações. 2003. 280 f. Tese (Doutorado em Linguística)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

Recebido em 20 de agosto de 2012

Aceito em 25 de setembro de 2012